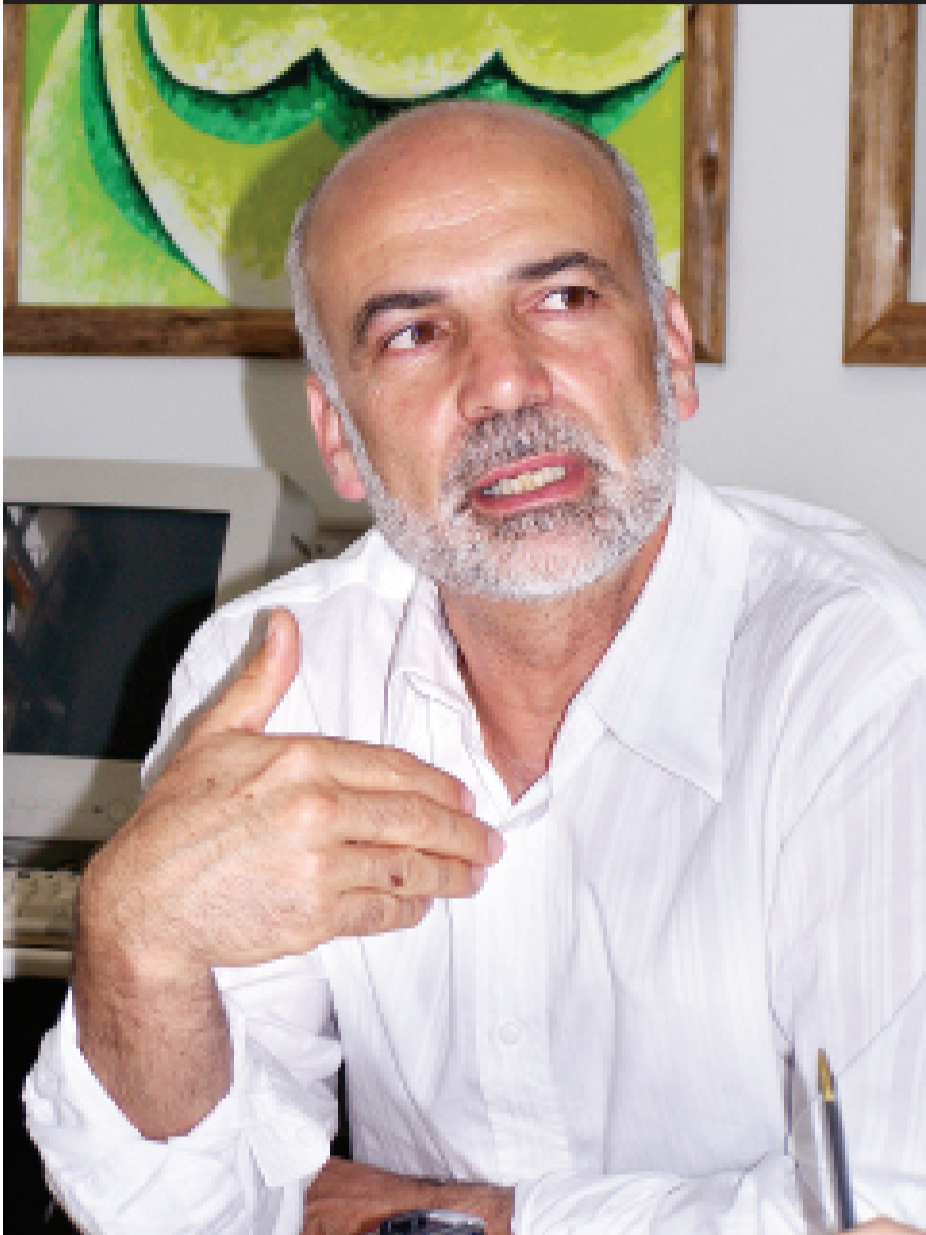


COM A PALAVRA



Fotos: REGINA VOGT

Nildo Ouriques

Crise no Brasil vai ser devastadora

Ele é um dos expoentes do pensamento de esquerda na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além de professor de Economia daquela instituição, com doutorado na Universidade Autônoma do México (Unam), Nildo Ouriques, dirige desde julho de 2006 o Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) na UFSC. Aos 49 anos, Ouriques tem em seu currículo a candidatura a reitor da Universidade Federal de Santa Catarina por três oportunidades. Crítico mordaz da política econômica desenvolvida por países como o Brasil, Nildo Ouriques afirma categoricamente que a crise econômica mundial vai ser devastadora para o nosso país. Segundo ele, as reservas em dólar do governo brasileiro são insuficientes no caso de ocorrer um ataque especulativo. Para Ouriques, a saída passa por ações tomadas por governos como os da Bolívia e Venezuela, com o fortalecimento do Estado. O câmbio controlado e a estatização de bancos são algumas das medidas aconselhadas pelo professor da UFSC. Acompanhe a entrevista a seguir:

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta- A vitória de Barack Obama tem algum impacto importante para América Latina?

Resposta- Primeiro, trata-se da eleição do país mais influente no mundo. Então, não seria só do Barack Obama, qualquer eleição lá tem importância. Quando Bush Jr. ganhou, quando Clinton ganhou, sempre significa que a política imperialista, especialmente para a América Latina, está em questão. O problema é que o que está despertando um pouco mais interesse agora é o fato de que a eleição nos Estados Unidos teve a maior participação eleitoral na história do sistema. Um sistema que estava totalmente desacreditado. Porque o Bush Jr. se elegeu com duas fraudes eleitorais: Miami e Ohio. Nas duas houve fraudes eleitorais. Segunda questão: o sistema judicial dos Estados Unidos está destruído. O *habeas corpus* não funciona, o chamado exercício imperial da presidência implicou em intervenção nas cortes, interceptação do correio eletrônico, prisões extrajudiciais, as prisões da CIA na Europa, Guantánamo, enfim, um país sem lei internamente. A suspensão do *habeas corpus*, em 200 anos, nunca havia acontecido. Então, um sistema destrocado politicamente, e no meio disso uma crise econômica de considerável dimensão. E pela primeira vez um negro na presidência dos Estados Unidos. Mas isso tem a mesma importância que um operário no Brasil, um indígena na Bolívia. A questão é que a grande maioria quer mudança dentro dos Estados Unidos. Além disso, tem uma grave crise social lá. Eles são 44 milhões de pessoas sem plano de saúde. Além disso, 50% da renda nacional estão na mão de 10% da população, uma concentração de renda jamais tida nos Estados Unidos. E terceiro: a população carcerária dos Estados Unidos é de 2 milhões e 260 mil presos, maior população carcerária do planeta. Além disso, tem mais 5 milhões de pessoas sob custódia judicial. Isso dá uma dimensão da crise social e do interesse por fazer uma mudança. O Obama como o McCain são duas figuras do *establishment* nos Estados Unidos, mas haverá mudanças, muito pequenas e muito lentas. Na América Latina nós temos uma longa história de submissão aos Estados Unidos. Sendo assim, sabemos que a ação imperialista dos Estados Unidos na América Latina vai seguir, assim como está no Afeganistão, no Iraque, na Europa, na Ásia, na África. A idéia é de que os Estados Unidos estão mais focados no oriente médio ou numa parte da Ásia para não estar aqui isto é totalmente furada. Os Estados Unidos são uma potência militar, nuclear, podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo, que nem Jesus Cristo. A diferença é que

Jesus Cristo não tem custo, mas os Estados Unidos têm custo: um custo militar, diplomático e financeiro muito grande.

P- Mas em outro contexto.

R- Não importa, num outro contexto também em Cuba. Não era a Cuba de Fidel Castro consolidada. Era o começo da revolução.

P- Mas antes da eleição ele (Castro) demonstrou simpatia pelo Obama.

R- Tudo bem, mas soltou um artigo na noite prévia, dizendo olha, não vou me meter, mas espero que seja uma mudança etc., já quando ele não podia mais influenciar, quando as urnas já tinham fechado nos Estados Unidos, para não ser acusado de estar se intrometendo. É uma ironia, porque logo quem iria acusá-lo (a Castro) de intromissão. Assim, aqui na América Latina tem essa longa tradição. Além do que o seguinte: a China é uma ameaça para os Estados Unidos, mas não está bloqueada. Cuba está bloqueada. A China não só não está bloqueada como tem um *status* de nação mais favorecida, votado pelo Congresso, o que permite que os déficits comerciais estadunidenses sejam construídos a partir de importação de bilhões e bilhões de produtos da China. A China em contrapartida compra os títulos da dívida pública estadunidense, e tem as suas trilionárias reservas em dólar e não em euro. Mas, além de observar porque Cuba que não representa nenhuma ameaça econômica, militar está bloqueada e a China não. O recado é muito claro, claríssimo. É que a América Latina é considerada o pátio traseiro dos Estados Unidos com democratas ou republicanos. E teve um episódio de discussão nos debates presidenciais em que McCain foi muito claro, num discurso hostil ao presidente Chávez, e o Barack Obama também. Agora, do lado de cá o que acontece? Tanto o Chávez como Fidel Castro dizem muito claramente: queremos primeiro os países plenamente soberanos e exigem dos Estados Unidos que tenham uma relação nova. Esperamos que tenhamos uma nova relação, que é o que poderíamos dizer, definitivamente, é o que todo mundo quer. Que os Estados Unidos tenham uma relação decente baseada no direito internacional, renunciando ao terrorismo de estado e respeitando a soberania e autodeterminação dos povos. Então, o Fidel de novo repete um ritual que nós observamos a cada quatro anos. E o presidente Chávez também, tudo o que ele quer é uma boa relação com os Estados Unidos. O problema não está no lado de cá, o problema está sempre no lado de lá, seja democrata ou republicano. Então, esse é o quadro. Eu acho que a grande questão não é o que esperamos do Obama. A grande questão é o que esperamos dos nossos presidentes.